



A vida como literatura: memória e escrita em Michel Laub

Rodrigo Felipe Veloso* entrevista Michel Laub**

Tragédia e comédia, comédia e tragédia, é disso
(Michel Laub)

Início da Carreira:

Rodrigo – Como você começou sua carreira na literatura?

Michel – Eu me inicio na literatura, especificamente, aos vinte anos e a literatura sendo vista como um processo mais amplo começou antes, durante a adolescência, por dois caminhos, o primeiro se deve ao gosto pela leitura e é um longo processo pelo qual não teria me tornado escritor, porque essa foi a linguagem que escolhi para expressar-me e sem o domínio mínimo, gosto e repertório, eu não teria escrito contos e romances. É difícil o indivíduo que não teve o prazer de ler na infância, descubra esse prazer mais tarde, mas é muito raro e não me lembro de conhecer. Esse foi o início técnico do domínio da linguagem.

E o início espiritual, digamos, ocorreu durante a adolescência (13 aos 20 anos), uma necessidade de expressão pessoal, que não é comum a todas as pessoas. Todo mundo tem necessidade de se expressar, mas não por meio de uma linguagem artística, estética. Então, nem todas as pessoas serão pintoras, músicos, escritor, às vezes se dedicam a outras áreas e se contentam a expressar aquilo que são e sentem. Uma expressão daquilo que sou e sinto na intimidade. Quem opta pela área artística tem dentro de si um desejo de se expressar de maneira diferente e no sentido de que as demais pessoas e o mundo necessitam de se conectar com essa expressão, uma espécie de vocalização do que você é. Então, na adolescência, eu tive uma banda de rock, cheguei a escrever músicas, fazer “revistinhas”, desenhar e, portanto, por vários motivos, dentre eles: por fazer isso sozinho, acabei indo para a escrita. Esses foram os dois primeiros impulsos que tenho, o gosto pela leitura e a necessidade de expressão pessoal durante a adolescência que se juntou numa linguagem e depois dos 20 anos, em algum momento, consegui que essa linguagem se expressasse por meio da ficção, primeiro, contos; depois, romances.

* Doutor em Estudos Literários. Professor na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

** Escritor e jornalista, nasceu em Porto Alegre. Publicou sete romances, entre os quais *Passeio com o gigante* (2024).



Rodrigo – Quais foram suas principais influências e inspirações iniciais?

Michel – Nesse aprendizado da leitura, certamente, lembro-me de um grande combo, como as leituras de infância, muito descompromissadas, desde livrinhos com figurinhas (Patinho Feio, por exemplo), coisa que eu nem lia, a minha mãe quem lia para mim e que me proporcionou o contato com o objeto livro, com as expectativas ficcionais, narrativas de virar uma página e descobrir do outro lado um desenho colorido ou uma nova frase que ela lia para mim. Eu lia também gibis e histórias de terror da editora Vecchi, Disney, Bolinha, dentre outras.

Eu acredito que teve um momento da transição entre a narrativa, à história em quadrinhos e o texto mais longo, na época não tinha essa coisa da *graphic novel* (romance gráfico). Estou falando do início dos anos 80, em Porto Alegre. Ali, foi a coleção vagalume, textos de linguagem destinadas ao público juvenil, em geral, ilustrados. Daí, eu passei a ler os romances policiais, principalmente Agatha Christie (eu estava com 12, 13 e 14 anos) e alguns dessa coleção vagalume (marcação amarela) como Marcos Rey com *Enigma na televisão*, Lúcia Machado de Almeida com *O escaravelho do diabo* e Maria José Dupre com a obra *Éramos seis*. Enfim, esses autores típicos dessa fase literária juvenil dos anos 80, no Brasil. E em algum momento da transição desses romances policiais da adolescência para um tipo de literatura mais adulta e justamente por um romance que é meio pastiche de policial que é *O nome da rosa*, de Umberto Eco, que eu li entre os 15 e 16 anos.

Temáticas Recorrentes:

Rodrigo – Muitos de seus livros exploram temas como memória, identidade e trauma. Como esses temas se entrelaçam em sua obra e por que você escolheu explorá-los?

Michel – Eu creio que é difícil falar que seja um projeto pensado desde o início, pois ao longo dos anos, tu vais percebendo que as coisas se repetem. A experiência em nossa vida, no meu caso, é muito burguesa, por mais que eu tenha tido eventuais aventuras na vida, como quase todo mundo teve, de toda ordem, mas no fundo sou uma pessoa ligada à classe média, aquele imaginário dos 80, era pré-internet. Porto Alegre era, na época, (e continua um pouco) uma cidade provinciana. Então, eu não consegui fugir muito desse universo um pouco restrito e isso faz com que eu não tenha muito para onde ir, não sendo um escritor propriamente de imaginação, se eu fosse um escritor de imaginação, certamente, poderia fabular coisas de mundos paralelos, mas eu nunca fui meu tipo de literatura preferido e nem o tipo de literatura que eu gostaria de fazer. Então, acabou sendo uma coisa muito vinculada, inicialmente, como sempre é no caso de escritores, a temas autobiográficos e, por não ter uma vida movimentada, os temas acabam se repetindo, como alguns dos traumas da adolescência, alguns dos temas dos



romances de crescimento e aquela coisa, a literatura é uma conversa com o público, você se entrega você recebe retorno.

Lá, no início, meus primeiros textos eram muito influenciados pelas leituras da época como é o caso do escritor Rubem Fonseca e esses romances policiais já mencionados na resposta anterior. E eu fazia livros cujos personagens eram delegados, histórias de crime, mas, realmente, não tinha nada a ver com o meu mundo e eu comecei a encontrar uma voz, um pouco, mais próxima da minha ou de algo, que hoje, eu considero minha, numa abordagem dessa coisa da adolescência na classe média urbana, no caso de Porto Alegre e isso se repetiu uma, duas, três vezes, nos primeiros romances. Eu tive algum retorno disso, quando se tem retorno, você começa a responder perguntas e começar obrigatoriamente a pensar a respeito e isso foi formando dentro de mim a ideia de que aquilo ali tinha certa coerência e poderia explorar muito do que é exatamente essa coerência e o que os livros têm em comum, mas o que se revela sendo a memória, identidade e trauma. Eu penso que tudo é uma coisa só, no fundo é um clichê. Nós escrevemos para entendermos o que somos e quem somos é a nossa identidade.

A nossa identidade é formada por experiências das quais o trauma faz parte. Então, começou por aí. Esse movimento de entender quem eu sou existe até hoje. O que aconteceu da metade de meus livros cá é que essa experiência muito pessoal, até porque meus fatos biográficos começaram a se esgotar, minha vida não seja tão movimentada assim, eu comecei a inventar mais coisas. Essa identidade, essa história de quem eu sou e ou deixo de ser, ela começou a se relacionar mais com o entorno, com a resposta que a sociedade concede a essas questões biográficas, a essas histórias pessoais e isso acaba virando um tema mais político, que marca metade da minha carreira, até aqui, considerando, que eu comecei aos vinte poucos anos e, hoje, eu tenho cinquenta, digamos, que eu tenha trinta anos de carreira e nos últimos quinze, com o livro *Diário da queda*, que é de 2011, eu acho que esse lado um pouco mais amplo, um pouco mais político por causa do diálogo com o entorno, ele acabou prevalecendo sobre o lado meramente descritivo de traumas de infância e adolescência.

Narrativa e Estrutura:

Rodrigo – Seus romances frequentemente utilizam estruturas não lineares e narrativas fragmentadas. Qual é a sua abordagem ao criar essas formas de narrativa? Como você acha que elas contribuem para a experiência do leitor?

Michel – O jeito como penso é o jeito como escrevo, por meio de uma associação livre. Com o passar do tempo e com a experiência fui desenvolvendo uma técnica que eu já não dou tanta volta e não jogo mais tanta coisa fora. As coisas acabam sendo um pouco mais administradas durante o processo de escrita, mas nunca chegou a ser algo e eu conseguirei fazer algo totalmente planejado, aliás, nem um pouco planejado. Eu tenho



um pouco uma ideia do tema do livro, eu vou criando personagem, é parte de alguma ideia no momento de sentar na frente do computador e escrever, mas o que vai acontecer com esse personagem, quem ele vai ser exatamente, eu só consigo descobrir escrevendo e eu descubro fazendo uma espécie de teste com a linguagem, com a voz, com a perspectiva, com as questões temporais, espaciais, o que dá certo, eu vou mantendo, nesse sentido, não é uma coisa muito ética, nesse primeiro momento. Em algum momento, lá do meio da narrativa, eu vou direcionar tudo para o sentido ético, moral, político, que eu quero para o romance, mas no início, me interesso por uma coisa que funciona, sei lá, *Diário da queda*, aquela coisa do menino ter caído na festa de aniversário, aquilo foi uma coisa que foi surgindo quando estava escrevendo, funcionava o rapaz ter narrado e tendo visto aquela cena, tendo participado. Eu achei aquela coisa que dava um *pathos* dramático para a história. Eu queria contar aquela história, mas não, necessariamente, daquele jeito, com aquele narrador, naquele momento como uma coisa do passado, com aquela linguagem, etc.

A partir desses testes, eu cheguei ali, e o livro começou a se montar daquele jeito, com os pequenos parágrafos. Então isso sempre acontece e é uma maneira que creio ser bastante eficiente de encontrar uma voz que funciona no livro, mas é um método meio desesperador, às vezes, porque eu nunca sei o que irá acontecer, se eu soubesse essa capacidade de planejar, como disse, seria bem mais fácil. Eu, por exemplo, escrevo na ordem, eu não consigo escrever fora de ordem, escrever antes do final e depois no início, aquelas coisas. Eventualmente, lá no meio, eu vou inverter uma ordem, mas é porque não está funcionando na ordem que eu inicialmente planejei que é a ordem linear.

Em resumo, é um tipo de livro para quem ler deve parecer muito planejado, têm alguns ajustes de relojoaria, mas esses ajustes são sempre feitos numa fase final de escrita, como uma revisão, edição, às vezes, na própria preparação da edição do texto na editora, estão sempre me mandando coisas. Então, eu prefiro, intuitivamente... Eu fui percebendo que as coisas que funcionam mais são as coisas que surgem meio que num jorro de intuição, do momento em que estou escrevendo, como nesse exemplo da cena do aniversário do menino no romance *Diário da queda* que comentei.

Complementando, de dois livros para cá, ou seja, com a publicação das obras *A solução de dois estados* e *O passeio com o gigante*, estes entram numa questão política, há uma desconfiança da voz única do narrador que era uma coisa que eu sempre usei com exceção do livro *O gato diz adeus*, mas todos os outros é somente um narrador falando, então, você tem de acreditar nele e se você duvidar dele é ele quem está fazendo você duvidar. Tem um jogo de ambiguidade. Nesses últimos, demonstra como é viver em sociedade, cada um vive o que quer, acredita no que quer, é um fenômeno que ficou muito mais evidente com as redes sociais, com os algoritmos e as *fakesnews*, etc. Eu comecei achar que era interessante para os meus livros refletir isso de outra maneira e



isso fez com que esses dois últimos livros não tivessem um narrador fixo, têm estruturas que (um pouco) não são originais, têm muito livros assim, mas dentro da minha obra são (um pouco) mais inusitados. No caso do livro *Solução para dois estados* é uma entrevista para um documentário, tem a voz do entrevistado, a voz da entrevistadora, têm uns extras que entram na história, não é nada um centro narrativo, pois cada um está dizendo alguma coisa, um choque de versões, de certo modo.

E esse último agora, *O passeio com o gigante*, é a reprodução de um discurso de um cara em cima do palco, depois ele está numa espécie de sonho em que ele conversa com um coro de vocês e o coro lembra o passado dele (desse protagonista) e conta a história dele para ele mesmo, coloca cenas em que ele fala dentro da fala do coro que está dentro de uma espécie de sonho e aí, ele encontra algumas pessoas mortas e algumas pessoas vivas. Enfim, não tem um centro factual muito confiável e eu acho, assim, por parentesco este livro tem muito a ver, no caso, com *Solução para dois estados* e eu acho que são dois livros que, muito por cima, não é exatamente o principal tema deles, mas eles também tecem comentários a respeito disso, quer dizer, a ausência de confiabilidade dos discursos do tempo atual.

Relação com o Passado:

Rodrigo – Em obras como *Diário da queda*, você mergulha profundamente na história familiar e nas consequências de eventos passados. Como o passado influencia suas histórias e personagens?

Michel – Sobre passado e memória, tem duas maneiras de ver, ou seja, a memória como tema e *Diário da queda*, ele é bem emblemático porque o livro é sobre como lidar com a memória. Então, ela entra na temática mesmo do próprio romance e o outro, é como um instrumento, uma questão estrutural dos próprios livros. Eu uso isso do passado, uma pessoa contando algo que aconteceu na sua vida no passado e não tem necessariamente a ver com a minha vida (Eu, Michel, escritor). Aquilo é um recurso formal que faz com que a pessoa que lê acredite mais naquilo que está sendo narrado. Se for um livro em 1ª pessoa, por exemplo, como é o caso do *Diário da queda*, isso é uma espécie de formato narrativo como poderia ser de uma narrativa epistolar, ou de entrevista como é o caso da obra *Solução de dois estados*, então, ela acaba tendo esse caráter duplo dentro da escolha de escrever um livro em formato de memória e tendo alguém contando sua vida no passado e existe uma série de convenções e isso é uma grande convenção, digamos e, a partir dessa grande convenção existem pequenas convenções que, tecnicamente, nós precisamos trabalhar ainda como escritor, a escolha, exatamente, do tempo, da voz, do tipo de narrador, se é um narrador que sabe mais do que o leitor, ou seja, ele fica mais escondendo o jogo ou o contrário, um narrador meio ingênuo. Um é o narrador inconfiável, que sabe mais, que está



mentindo ou coisa do gênero e o outro é um narrador ingênuo que faz com o leitor perceba coisas que ele mesmo sendo narrador não percebe.

Os meus livros nesse formato do passado, da memória, e isso está mais ligado àqueles primeiros livros, ele tem mais esse caráter do narrador inconfiável, não no sentido que ele esteja mentindo, mas ele vai soltando as informações aos poucos e isso se deve as próprias dificuldades dele de elaborar aquilo que ele viveu, bem como também se associa a uma ideia de culpa talvez e tal fato se articula com a questão da formação da identidade.

Literatura Brasileira Contemporânea:

Rodrigo – Como você vê o cenário da literatura brasileira contemporânea? Existem tendências ou temas que você considera particularmente importantes ou interessantes?

Michel – Sobre a literatura brasileira contemporânea, eu acho difícil de falar numa tendência, porque até pelas condições materiais mesmo e de instrumentos de comunicação que temos, hoje, principalmente de divulgação, publicação, de autopublicação mesmo e isso possibilita que todas as vozes sejam ouvidas e no sentido da produção em si existe uma grande diversidade e fazendo um filtro, mas, hoje em dia, nem sei se consegue separar tanto crítica de mercado, porque as coisas acabam nos confundindo muito, mas digamos se ainda existir uma separação entre isso, aí terá ondas, tendências do momento e, atualmente, você terá essas narrativas de inspiração baseadas em questões identitárias.

É uma maneira de generalizar algo que, de fato, acontece como histórias pessoais e, além disso, se usa muito esse termo autoficção que, não gosto muito, pois no fundo não é ficção, pois a maneira que irá abordar a respeito, a maneira formal como ela acaba expressando isso acaba sendo literatura. Então, tem mais a ver com o tema do que com o procedimento narrativo. O tema é esse, de fato, das identidades de formação, de afirmação, nessas histórias inspiradoras cujos personagens superaram obstáculos, elas acabam tendo mais saída, vendem mais, são mais produzidas, ganham mais prêmios e isso acaba sendo a parte mais visível e nos dizemos que a tendência é essa, não é verdade, pois têm muitas pessoas fazendo coisas completamente diferentes, mas que não tem tanto espaço

Processo Criativo:

Rodrigo – Como é seu processo de escrita? Você segue uma rotina específica ou prefere escrever de maneira mais intuitiva?

Michel – Hoje em dia, como eu trabalho em casa, eu posso escolher o horário e as circunstâncias do que eu vou escrever. Eu tenho preferido trabalhar pela manhã, talvez



seja uma coisa do envelhecimento, da meia idade, do modo como lido com a minha própria concentração, mas hoje é bem mais fácil acordar em um dia sem ressaca, digamos, se eu não bebi álcool no dia anterior. Eu acordo com a cabeça limpa, em um horário bom, entre 8h e 8h30 da manhã, eu faço um café, sento e escrevo até uma 10h, 11h, em geral, eu vou aos dias em que tenho disposição para isso, eu vou à academia, caminho ou saio para almoçar, coisa assim, de tarde, eu complemento, em geral, mais para o fim da tarde. Esse horário depois do almoço é um pouco morto para mim e porque eu não consigo fazer isso. E nos horários em que não estou escrevendo, eu leio e fico no computador, nas redes sociais e faço outros trabalhos que eu também preciso, pois eu não vivo somente de literatura, eu trabalho com roteiro de cinema, escrevo crítica no jornal, então, tudo acaba se misturando, mas a ficção mesmo, eu tento criar um método que seja o espaço do dia em que estou com a cabeça mais limpa.

Recepção Crítica e Leitora

Rodrigo – Como as críticas e o *feedback* dos leitores influenciam sua escrita? Você considera a recepção do público ao planejar novos projetos?

Michel – É inevitável. Lá, no início da carreira, eu negava um pouco essa hipótese, talvez, porque eu já tivesse coisas planejadas que eu queria dizer dos livros, é muito comum para quem está começando (são mais novas no trato com a escrita literária) e fazendo uma literatura, assim como, eu faço, que lido muito com o tema da memória, existia muitas passagens da minha vida, temas factuais que valia muito a pena desenvolvê-los nos textos, bem como ambientes que conheci, por exemplo, eu escrevi bastante sobre Porto Alegre, o litoral do Rio Grande do Sul quando escrevi em *Longe da água*, um livro mais antigo e sobre o futebol n' *O segundo tempo*, sobre o judaísmo em *Diário da queda*, então, tratavam-se de coisas que eu tinha vivido e não necessariamente aquelas histórias, mas os ambientes, eu tinha vivido e tinha alguma segurança de que aquilo algum dia cada um deles iria entrar em algum livro meu e à medida que fui envelhecendo, eu escrevi muitos livros, hoje, estou no nono ou décimo livro.

Essa matriz mais biográfica, meio que se esgotou e hoje eu trabalho, às vezes, saindo em um ponto que é mais nebuloso, ponto zero, muitas vezes, e isso significa que eu acabo lidando com coisas que eu observo ao meu redor e esse observar não se restringe a ver uma paisagem na rua, é muito mais amplo, é ver quais são os assuntos que preocupam as pessoas, assuntos que tenho em conversas particulares com outras pessoas e, muitas vezes, são leitores mesmo, o tipo de recepção que o livro recebe acaba influenciando no outro não no sentido de que irá fazer assim, mas assim, porque existe um processo de conversa, de diálogo com os leitores e você vai entendendo um pouco aquilo que você faz como você acertou ou não, e é natural que nos próximos projetos você tente arrumar pontos em que não conseguiu chegar exatamente e nem sempre



em questões temáticas ou de forma mesmo, por exemplo, nos últimos dois livros, o formato deles é diferente, o tipo de voz e tais propostas vieram da recepção que eu fui tendo dos livros e em determinado momento, eu comecei a sentir até pela recepção que os procedimentos estavam ficando um pouco repetitivos. Então, foi uma busca para mudar e talvez isso venha do modo da recepção do livro e, sobretudo, da minha observação do mundo e creio que as duas coisas acabam se confundindo e tornam uma coisa só. Conversar com o leitor significa participar do mundo, observar o mundo, enfim, isso acaba entrando nos livros *a posteriori*.

Questões Sociais e Políticas:

Rodrigo – Seu trabalho aborda questões sociais e políticas de maneiras sutis e complexas. Como você vê o papel da literatura na abordagem desses temas?

Michel – Sobre o papel da literatura, eu não estou certo de que ela tenha uma relevância maior, ou melhor, eu acho que ela tem como fenômeno social na soma de tudo que é feito pela literatura em um determinado período e aí entra até a não ficção, a literatura de modo geral, pensamento, arte e estética, etc. É nítido que isso tenha uma influência dentro da cultura e a cultura irá moldar todo o resto, a própria política faz parte da cultura, no sentido amplo dessa palavra. Agora, individualmente, eu não sei, eu não tenho muito controle sobre isso, acredito, sinceramente, sem falsa modéstia que não tem grande importância, pois as pessoas não irão mudar sua maneira de ser por causa de meus livros, mas eu acredito que meus livros correspondem a algo que é importante para mim no meu processo interno de entendimento do mundo, entendimento a meu respeito e se eu conseguir colocar isso no livro por meio da linguagem, alguém vai entender que a pessoa que escreveu ali está nesse processo de tentativa de um pouco de autodescoberta e um pouco de tentativa de conversa com o mundo e isso é um processo interessante em si, não é só o meu livro irá causar isso, mas se a pessoa somar o meu livro com outros tantos que ela lê ao longo da vida, aí sim, a pessoa que leu ficção ao longo da vida é diferente da pessoa que não leu ficção, quanto a isso, eu não tenho dúvida. E se existe essa diferença entre uma coisa e outra é porque existe uma interferência da literatura na realidade, eu não sei se isso vira algo muito relevante, um movimento político ou coisa assim. Isso é muito aleatório, é muito distante para o escritor pensar, mas esses pequenos deslocamentos na sensibilidade individual de uma pessoa, às vezes, até numa ideia de uma pessoa sobre um determinado contexto político, social, sociológico, eu acho que é algo importante. E eu sofro isso como leitor também, no bom sentido, eu aprendo muita coisa sobre realidade brasileira e de outros lugares, por meio da ficção como a literatura e o cinema, o que implica que eu não seja uma pessoa diferente. Eu não sei se vou me tornar uma pessoa melhor por causa disso, porque têm muitos fatores envolvidos, inclusive, o caráter, mas que a minha experiência será mais rica e mais ampla do que alguém que não lê



ficção, que não vê filmes e nem vai ao teatro, enfim, não ouve músicas, todas essas experiências estéticas que a arte oferece, realmente, ela tem essa vantagem, pelo menos, no meu ponto de vista e, sobretudo, que é o único que me interessa no fim das contas, ou seja, é o tipo de vida que eu gostaria de viver e vivo que é o da vida em contato com as prerrogativas da arte e da ficção.

Influências Literárias:

Rodrigo – Quais autores ou obras literárias tiveram o maior impacto em sua escrita? Há algum autor que você considere uma inspiração constante?

Michel – E da importância das obras literárias e sobre as primeiras influências, eu as respondi anteriormente e que tiveram grande impacto, pois me ajudaram a formar o meu hábito de leitura e sem ele não seria escritor.

Como escritor, tem o Rubem Fonseca que foi muito importante em minha vida. Tem o Dalton Trevisan, Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll, isso ocorre em um período entre os 18 e 25 anos.

Rubem Fonseca, certamente, influenciou-me em minha tentativa de começar a escrever. A minha obra não tem nada a ver com a dele e há muito tempo, eu deixei de lê-lo e é evidente que os escritores mudam. Na última fase do Fonseca, eu não gosto, e sim da primeira fase. Eu não releio mais essas coisas, hoje em dia, e se eu lesse, não teria o impacto que tive naquela época, exatamente, porque foi a primeira vez que li e foi um impacto inaugural e, a partir de então, foi importante na minha vida mesmo sem ser influência, mais adulto e mais velho e, ainda hoje, tem uma fase que eu li muito o Thomas Bernhard, li muito o J. M. Coetzee e recentemente, às vezes, um livro aparece e por algum tempo fico encantado por ele e não necessariamente ele vai influenciar minha escrita, mas ele me dá certa inspiração de não temática, não de procedimento, mas de que alguém fez algo legal e isso é inspirador e tem um texto, uma vez que li do Alejandro Zambra, quando ele menciona que têm dois tipos de livro, um é o que você lê e bloqueia você porque é tão bom e tão complexo e o outro tipo é aquele que convida você a escrever também. Nesse sentido, ele cita o exemplo da Natália Ginzburg (eu gosto muito dela) que ele estava mencionando e esse é um caso, interessante de pensar, principalmente no texto que parece tão fácil (obviamente que não é) e é tão bom, porque não posso tentar fazer alguma coisa e tal.

Tem outro tipo de livro, que é o contrário do que faço, tipo Lobo Antunes, uma coisa meio barroco e grandiosa e isso também é um inspirador para mim, especialmente quando estou um pouco travado no trabalho, leio alguns trechos desse tipo de livro e é quase como se tivesse tomando uma bronca daquele livro, porque se ele consegue fazer daquela maneira, porque eu não consigo escrever um parágrafo. Então, tem um pouco desse caráter.



Em resumo, tudo isso, para dizer que as influências são muitas e diversas e todas elas ajudam e impactam na sua vida de algum modo, pois a literatura é uma soma de todas elas, não existe um escritor que você vai ler e desejar fazer exatamente igual, pois vira plágio, cópia, não é isso, a influência é outra coisa no bom sentido da palavra.

Projetos Futuros:

Rodrigo – Você pode compartilhar um pouco sobre seus projetos literários atuais ou futuros? Há algo novo que seus leitores podem esperar?

Michel – Acabei de escrever um livro e normalmente quando eu termino um trabalho literário, eu já tenho na cabeça o que farei no próximo e, dessa vez, não aconteceu isso. Eu lancei agora um que se chama *O passeio com o gigante*, publicado em março de 2024 e em termos de ficção, eu não pensei, estou com umas ideias vagas, mas eu ainda não quero começar a escrever ficção neste ano, certamente.

Eu tinha a ideia de escrever um livro de não ficção, isto é, de coletar coisas que já escrevi e talvez lançar no ano que vem ou daqui a dois anos, uma coisa menos pretenciosa. Críticas que escrevi sobre livros, artigos na imprensa, reportagens e, de repente, mudarei algo e ampliarei. Eu fiz cinquenta anos e nunca publiquei nenhuma coletânea nesse gênero, talvez seja o meu próximo livro e sei que não tem o alcance de um livro de ficção, mas é algo que pode ser interessante como registro até biográfico. Eu não tenho uma vida para escrever um livro de memórias, no entanto, as minhas memórias, digamos, são as coisas que eu escrevi sobre outros artistas e, portanto, construir uma relação entre as duas coisas.

Conselhos para Jovens Escritores:

Rodrigo – Qual conselho você daria para jovens escritores que estão começando suas carreiras literárias?

Michel – Eu não sei se tenho nessa altura, pois fiz cinquenta anos, e eu acho que as carreiras são muito diferentes. Quem começa hoje, tem uma perspectiva e tem um contexto que é completamente diferente daquele que eu tinha quando comecei. Se eu desse um conselho há dez, quinze anos atrás, eu diria não tenha pressa de escrever, não saia publicando tudo, as coisas vão acontecendo naturalmente e tal fato, era uma coisa da minha época e creio que, atualmente, não seja mais assim. Esse tipo de conselho, eu não dou mais.

A pessoa quer escrever tudo em seu *instagram* e isso vira um modo de veiculação da escrita, uma plataforma literária para ela, daqui a pouco, não desejará escrever mais livros, ela quer se expressar ali e receber as reações imediatas do leitor e é isso. Aquilo de algum modo pode ter valor estético, coisa que no início não parecia que teria, então, estou dando um exemplo de coisas que, atualmente parte de outras referências que



não são mais as minhas e não pode ter arrogância de acreditar que ainda entendamos como funciona a cabeça de alguém que tem quinze anos, está começando no universo literário e que está na época da inteligência artificial, por exemplo. Sei lá se as pessoas não utilizaram a IA para escrever também e se isso não será aceito. Para mim, parece uma coisa muito distante, entretanto, é um pensamento geracional meu. Então, eu não me arrisco muito a falar sobre o futuro e o conselho geral, digamos, talvez não mude, é tentar ser fiel às verdades e ser você mesmo, a pessoa que escreve, mas aí é um conselho generalizante e é difícil definir quais são essas verdades, pois cada um saberá das suas e irá encontrá-las.

Identidade Judaica na Literatura Brasileira:

Rodrigo – Como você vê a representação da identidade judaica na literatura brasileira contemporânea? Em que medida suas próprias experiências e identidade judaica influenciam sua escrita?

Michel – Sim, aumentou razoavelmente nas últimas duas, três décadas. Lá, atrás, quando eu comecei tinha aqueles casos clássicos, do Samuel Rawet, do Moacyr Scliar e outros. A primeira leva de nova geração e relações foram nos anos noventa, com Bernard Aizemberg, Cynthia Abramovich, logo depois, eu comecei e não me identificava como tal, a minha literatura não era propriamente voltada para isso e, mais tarde, a partir dos anos dois mil, sim, inclusive o tema começou a aparecer um pouco mais. Não pareceu uma literatura representativa em termos numéricos dentro da literatura brasileira, porque a presença do judeu no Brasil é minoria em quase todo o mundo e no Brasil mais ainda. Eu acredito que o aumento dentro da proporção possível se deve a questão das gerações, porque tais gerações letradas que chegaram no país tiveram mais de uma leva e a principal leva é ali mesmo na Segunda Guerra Mundial, pelo menos essa leva que tratou disso e que fez literatura. A geração inicial que aportou por aqui, geração de refugiados ainda veio numa situação material muito precária e muitos dos judeus que tiveram acesso à educação, eles tiveram tempo de pensar nessas coisas e vieram um pouco depois. Talvez sociologicamente os fatos não se apresentassem nessa ordem, todavia, antes do Rawet, eu tenho a impressão que no século XIX e XX, talvez tenha um caso ou outro e, eventualmente tinha algum escritor que era judeu como a Clarice Lispector, naquela época, mas ela não era especificamente ligada a temas judaicos e isso acabou sendo algo que aconteceu mais tarde, justamente, por essa questão da segunda, terceira geração, com acesso, tempo livre e que não precisaram trabalhar, bem como o tema das minorias foi se tornando mais forte no Brasil, nas últimas décadas, diferentemente nos Estados Unidos que já tem uma literatura de minorias há muitos anos, pois sempre foi um país de imigrantes. Eu acredito que demorou a ter isso mais forte e numericamente significativa.

Temas e Motivos Judaicos:



Rodrigo – Muitos de seus livros abordam temas relacionados à cultura judaica e à diáspora. Quais são os motivos ou temas recorrentes que você explora em sua obra?

Michel – Têm dois livros meus que tratam mais especificamente da diáspora que foram *Diário da Queda*, cujo narrador é um judeu no Brasil, naturalmente, isso já é o tema da diáspora, embora ele não fale disso de maneira particular e o segundo livro é *O passeio com o gigante* que faz uma contraposição entre a cultura da diáspora, da angústia, da dúvida, com a cultura da certeza, do militarismo, do triunfalismo, do sionismo. Então, nesses dois livros tal ponto está bastante evidente. São dois livros no meio de uma obra mais ampla que tem nove romances e isso vai depender do peso que se dá. Por exemplo, em *Diário da queda* é uma narrativa importante dentre as minhas obras e ela, às vezes, engole as demais e quanto a isso, eu não tenho o que fazer. É uma questão de recepção do livro que acaba mudando com a percepção em torno da obra. Na criação, considerando que são dois livros em nove, talvez o tema não seja central das coisas que trato e, portanto, acredito que o tema central seja a identidade e a diáspora, evidentemente, e ela não esgota o tema, ele é maior e têm outras coisas que podem ser incluídas nesse tema da identidade, por exemplo, orientação sexual, questão de classe, de gênero e outras.

Diálogo entre Culturas:

Rodrigo – Como sua literatura aborda o diálogo entre a cultura judaica e a cultura brasileira mais ampla? Existem conflitos ou harmonias que você tenta explorar nesse contexto?

Michel – Eu penso que nos dois livros já citados que trato do judaísmo, há um conflito, estigma essencialmente ligado à condição judaica, esses conflitos, às vezes, acontecem externamente por meio da perseguição, do antissemitismo e acontecem internamente, pelas questões identitárias, muitas vezes, do próprio indivíduo que está narrando o livro, não necessariamente representa todos os judeus, longe disso, no caso daqueles personagens eles, sim, têm esse conflito. Em *O passeio com o gigante*, esse processo é mais nomeado e ligado a questões brasileiras. Isso porque o livro se relaciona com a eleição de 2018, eu acho que esteja mais claro tal propósito, mais eleitoral, mais datado e específico para aquele momento. Normalmente, eu não faria isso no livro, mas eu achei melhor fazê-lo, para brincar com essa noção de literatura engajada e os limites dela.

Influências Literárias Judaicas:

Rodrigo – Quais autores ou obras literárias judaicas tiveram um impacto significativo em sua própria escrita? Existe alguma obra que você recomendaria aos leitores interessados em explorar mais a literatura judaico-brasileira?



Michel – Clarice Lispector é uma escritora judia, embora, ela não trate muito desse tema, ela é mais uma escritora intimista, digamos. O estilo da Clarice, nitidamente, influenciou muito o estilo do Caio Fernando Abreu, que foi um autor muito importante na minha vida, talvez tenha me influenciado, naquele passo meio circular do texto dele, talvez tenha alguma coisa nos meus textos, mas ele foi uma influência para mim como leitor e todas as minhas influências de leitor são importantes para mim como escritor, porque esse é um daqueles autores que tinham uma pegada mais pop, mais atualizada e quando eu li (na época adolescente), me ajudou a ver a literatura como algo contemporâneo, que não era somente algo ligado ao colégio, ao momento histórico do século XIX, por melhor que fosse. Depois, eu reconheci que tinha coisas muitos boas ali, tipo Machado de Assis. Naquela época, tal processo ainda soava meio “professorais”, “senhoriais” (caso possa usar essa expressão). Caio Fernando Abreu foi um dos escritores que soube atualizar isso, ele atualizou diluindo um “pouco da coisa” da Clarice que era judia, então, tenha algo assim.

Sobre a literatura estrangeira, temos o Philip Roth, certamente, alguma coisa do Sobelo e, principalmente esses dois e o Singer, eu gosto muito, mas tem outra tradição, uma coisa mais judaica do gueto e o Roth é uma coisa da cidade grande e Sobelo também. Eu não acho que meu estilo tem a ver com nenhum deles, mas talvez do desconforto existencial, particularmente no Roth tem entrado em meus livros.

Recepção e Impacto

Rodrigo – Como a literatura judaico-brasileira é recebida no contexto literário brasileiro atualmente? Existem desafios ou oportunidades específicas que você vê para escritores que exploram essa temática?

Michel – É difícil generalizar, pois têm vários livros judaicos e alguns são recebidos com mais elogios e outros não. Eu também não quero creditar tudo a uma questão judaica, às vezes, pode ser algo estético, de momento. *Diário da queda*, foi muito bem recebido na época de publicação dele. Agora, *O passeio com o gigante* teve uma recepção mais discreta que eu, até esperava, mas eu sei que credito so na questão judaica. Nesse momento, tem mais uma questão da guerra que está acontecendo ali, da opressão do povo palestino. Existem muitos escritores que evitam falar desse tema, ou não quer ler um livro do ponto de vista de um judeu, ali que têm questões com isso e um judeu bolsonarista e talvez tenha impedido uma leitura mais ampla e também pode ser por questões do livro ser mais difícil, tem um enredo mais difícil de ser entendido. Eu quando o escrevi sabia que o alcance seria um pouco menor e isso no meu caso, acho que todos os outros escritores judeus do Brasil têm os mesmos desafios, tanto em relação ao tema quanto dos livros em si. Talvez escritores que não tratam de temática, que estão na berlinda, acredito que tenham mais facilidade em relação a isso e pela



temática não tem a questão externa e fica somente o livro com seu valor estético intrínseco, mas, ao mesmo tempo, o tema é de momento.

Desafios e Oportunidades:

Rodrigo – Quais são os desafios e oportunidades únicos de escrever sobre a cultura judaica no Brasil? Como você vê o papel da literatura na preservação e na reinterpretação das tradições judaicas na diáspora?

Michel – Sim, sempre foi, muito antes dos judeus terem um estado, eles já tinham uma literatura, assim como a Alemanha funciona, desse modo, ou seja, um estado relativamente recente na história da União Europeia, mais particularmente, na primeira unificação e existia uma cultura alemã que estava lá no gueto, naqueles mitos todos que fundaram essa percepção cultural alemã e os judeus tem a mesma coisa. Então, irá continuar acontecendo, eu não sei qual será o formato da literatura no futuro, uma mudança muito grande e a ideia das histórias que são os mitos que fundaram e renovaram essa tradição e, por sua vez, passam de geração a geração e irão continuar existindo como nas demais culturas e civilizações.

Projetos Futuros

Rodrigo – Poderia compartilhar um pouco sobre seus projetos literários atuais ou futuros relacionados à temática judaica? Existem novos temas ou abordagens que pretende explorar em sua escrita?

Michel – No momento não, porque eu acabei de publicar o livro *O passeio com o gigante* e livros ficam para o resto da vida. Enquanto eu estiver vivo os livros estarão aí. Pode ser que três pessoas leem, mas eles continuam aí. As coisas que estão ditas ali não se encerram em um ano ou dois. Ali, é um pouco um registro que eu fiz dos dilemas que vejo nas comunidades judaicas brasileira que, de certo modo, complementam, ampliam sobre os dilemas que eu já havia falando no Diário da queda e penso que no momento eu não tenha vontade de voltar a isso. Pode ser que no futuro, eu escreva que tenha um personagem judeu, no entanto, o livro não irá centrar somente sobre essa temática, como esses dois centraram. Enfim, tenho outros temas para tratar, essa é uma parte muito importante da minha vida. O sol que me define e eu gosto de pensar que posso escrever sobre outras coisas e que não tenha a ver em ser um escritor de imaginação e ir para outros mundos e espero conseguir desenvolver e explorar um pouco mais.

Impacto Pessoal

Rodrigo – Como sua identidade judaica influencia sua visão de mundo e sua escrita? Existe um aspecto específico da cultura judaica que você sente ser particularmente relevante ou inspirador para suas narrativas?



Michel – O ponto que mais gosto da cultura judaica e tem a ver com que eu sou tem muito a ver com essa cultura da dúvida, da angústia, que é muito da própria diáspora, e eu me identifico muito. Nesse livro que escrevi agora (*O passeio com o gigante*) fala o sionismo. É uma homenagem sobre a essa cultura da dúvida, o humor judaico que é em cima dessa dúvida e angústia. Então, é um humor muito característico da diáspora dos povos perseguidos e sinto mais à vontade nessa posição do que naquela que oprime o povo, por causas das questões da palestina.

Michel Laub sobre sua nova narrativa, *Passeio com o gigante*, seguem alguns excertos:

Então o Velho Uri dizia essas coisas, meus amigos. Existem duas imagens no século vinte. O judeu angustiado é o esqueleto dos campos, o boxeador Benny Leonard é o soldado de Israel. Peguem qualquer livro, qualquer filme, e não existe outra alternativa. Kafka e Philip Roth são o esqueleto. Woody Allen é o esqueleto. A Lista de Schindler, em que os judeus são salvos pelo nazista bonzinho, vocês querem propaganda maior do medo de amarrar o sapato num gueto?.¹

A fundação de Israel é o momento em que o ciclo se rompe. Imaginem o mendigo que recebe uma esmola, porque é isso que significa o gesto da ONU quando cria um Estado judeu. Os povos que passaram dois mil anos perseguindo o mendigo agora dizem que estão ao lado dele, e tudo poderia apenas se repetir, nós agradecendo ao nazista no filme do Spielberg, mas aí é que está. Uma hora a coisa se inverte. Alguém que se acostumou a ser pisado, uma hora o mendigo recebe a esmola e em vez de ficar de joelhos ele compra uma arma.²

Rodrigo – Você poderia comentar sobre as imagens compostas nesses fragmentos? Isso porque revela um paradoxo (intolerância e generosidade) representativo da memória do Holocausto, ou seja, por meio da arte literária há uma narração que expõe as visões construídas em diferentes vozes, tempos e modalidades. Embora a complexidade dessa travessia, o desejo pela esperança no que tange ao futuro, visto enquanto acerto de contas com a história e o passado se mostra latente e inevitável.

Michel – É sempre bom lembrar que quaisquer trechos que se destaquem em meus livros, eles estarão na voz de alguém e essa voz não é necessariamente a minha. Essa obra *O passeio com o gigante* foi montada com certa complexidade de narradores a ponto de poder dizer que não tem nada de fixo. Ele é composto de trechos contendo um

¹ LAUB, 2024, p. 22-23.

² LAUB, 2024, p. 23.



discurso de um empresário Davi Rieseman que conversa com um coro, que não sou eu, e nem o Davi, é alguém que está conversando com o Davi e ele responde para o coro dentro do sonho, do delírio. A voz do Davi, nesse confronto, com o coro não é a mesma voz do discurso diante dos amigos e têm outras vozes que aparecem, pessoas que morreram aparecem e todo mundo está falando na sua própria voz e não existe uma voz por detrás de tudo manipulando e regulando para que o livro tenha um sentido x ou y. Ademais, eu existo atrás de tudo, porque sou o autor, mas eu só posso fazer isso pela voz deles, então, por exemplo, trechos em que o Davi defende isso do falando mal do Spielberg, que Israel é o momento de mudança e, portanto, reflete a visão de alguém que está ligado com esse movimento de extrema direita hoje que está ligada a um sionismo e então se você for explorar isso dentro de um livro, como eu fiz, é claro que as coisas, naturalmente, aumentaram de tamanho e vão ficando mais caricaturais. A minha visão sobre tudo isso é uma visão contrária de que eu coloco as questões, os lados que estão discutindo, mas eu não sei se tomo um partido por um dos lados tão claramente e eu certamente tenho o partido de que a dúvida é boa, de que a questão da angústia pode ser rica culturalmente, é assim que vejo esses trechos todos, assim como, vejo meus livros como um todo, pois são mais de perguntas do que de respostas.

Rodrigo – Sobre a literatura de judeus realizada no Brasil, tem-se, por exemplo, Moacyr Scliar e Samuel Rawet. Em seus textos privilegiam personagens imigrantes judeus desiludidos, desterrados e que permanecem para eles, a dificuldade em superar os traumas advindos de um passado tenebroso e cruel que os perseguem. Para tanto, como avalia a literatura da Shoah produzida no Brasil? O Holocausto pelo crime cometido contra a Humanidade exige mais do que nunca da literatura para que possamos enfrentar a realidade violenta da sociedade?

Michel – Sobre a literatura de Shoah produzida no Brasil, eu não conheço tantos livros. Eu sei, por exemplo, que têm os livros do Luis Krausz que falam disso, alguma coisa do Jacques Fux, eu acho. Eu não li esses livros e não posso falar tanto. Scliar, aqui, ele fala de um tema e lembro-me dois ou três contos numa coletânea da editora Companhia das Letras reunidos que falam de Holocausto de maneira indireta. Eu gosto muito daqueles contos. Tem um que fala sobre um cara que aparece no bairro Bomfim de Porto Alegre e começam a desconfiar se era um sobrevivente de verdade. Era uma coisa de criança não poder pensar em temas proibidos e acabava pensando e no *Diário da queda* tem um pouco disso, entretanto, com outra pegada, não é a mesma coisa que o Scliar, mas ele foi um escritor que fez isso.

Bernard Aizemberg tem também, ou seja, um personagem que fala da herança da segunda guerra. Cinthia Moscovich, por meio da comédia, sempre tem alguém mais velho, uma mãe que tenta colocar a culpa na filha como herança da segunda guerra. Enfim, são abordagens bem típicas de quem cresceu na cultura judaica e eu imagino



que os autores e eu também, e isso entra nos livros, às vezes, como tragédias e ou comédias, é inevitável que não aconteça.

Em outros lugares se trata mais disso e no Brasil, por ter uma parcela pequena produzindo literatura, acredito que seja por razões sociológicas. No Brasil, tem menos escritor judeu, porque têm menos escritor, menos pessoas interessadas. A comunidade judaica não é grande. Então, naturalmente, a representatividade judaica disso será um pouco menor.

Rodrigo – Tem alguma nova atividade artística em elaboração? Poderia comentar a respeito.

Michel – Estou tentando fazer um livro de não ficção a partir de ensaios que já escrevi, está no início, provavelmente deve ser meu próximo livro porque fiz cinquenta anos e nunca publiquei nada que não fosse romance, ficção, e eu publico na imprensa há mais de trinta anos, então, eu estou pensando em fazer uma coletânea e ou pegar esses textos e ampliá-los. Estou com algumas ideias, mas ainda é cedo para falar.

Rodrigo – Nesta última pergunta, gostaria que expressasse algo para a sociedade (uma espécie de manifesto). Como podemos influenciar e construir uma sociedade mais democrática e respeitando as diferenças entre os povos?

Michel – É algo que não acredito tanto. A literatura é importante para quem escreve e ela mudou a minha vida, eu não vivo sem a convenção meidiossincrática da literatura e minha vida acaba sendo uma convenção dentro da convenção da literatura e eu espero que quem lê aquilo possa ser tocado de algum jeito, deslocando a sensibilidade, fazendo repensar uma ideia, não sei se vai ser um efeito grande, significativo, mas na soma da leitura de todos os outros livros, com pequenos deslocamentos de sensibilidades aqui e ali, talvez isso gere de mudança na pessoa e se uma pessoa muda, uma segunda, terceira mudam e daqui a pouco, tem uma mudança maior na sociedade e tenho certeza que isso possa acontecer e talvez isso seja mais fácil de acontecer atualmente do que esperar mudança a partir do debate público ou coisa do tipo, porque o debate político mesmo está muito congelado, as pessoas estão congeladas nas suas próprias posições e dificilmente elas irão dizer que mudaram de ideias e se convencer de que alguém as convenceu de que elas estão erradas ou coisa assim. Eu acho isso um pouco utópico hoje e nós vimos o que aconteceu no Brasil, por exemplo, com essa questão da pandemia, que é o que trata no meu último livro e mesmo com tudo que passaram as pessoas ainda continuam fazendo as mesmas escolhas políticas, dizendo as mesmas coisas que falam antes de 2018, antes da pandemia. Então, isso mostra muito como as coisas, ideologicamente, estão muito arraigadas e a estrutura de comunicação de debate político, hoje, favorece esse congelamento de opiniões. Eu estou um pouco pessimista quanto a isso, mas a literatura, talvez, seja o discurso que consiga entrar no meio e causar algum “tremorzinho” de terra que seja, pois já é o



suficiente talvez para melhorar um pouquinho a vida mesmo que seja no nível mais íntimo e mínimo.

Rodrigo – Muito obrigado por compartilhar conosco o seu conhecimento e experiência ritualística de vida, bem como reiterar a importância de se falar da literatura judaico-brasileira no atual contexto contemporâneo. Excelente trabalho! Abraços!